

# ATIVIDADES DE LEITURA

## LEITURA

As atividades de leitura que serão desenvolvidas permitirão que vocês e seus colegas construam uma crescente autonomia para ler, familiarizando-se com a linguagem escrita, sentindo prazer com a leitura, conhecendo uma diversidade de histórias e autores, entre outros ganhos.

## ATIVIDADE 1

Leia individualmente de forma silenciosa o texto a seguir. Logo após a leitura, serão discutidas as regras da brincadeira com o apoio do(a) professor(a):

### JOGOS E BRINCADEIRAS

#### “Alerta”

**Material Necessário:** bola

**Modo de jogar:** Não é preciso delimitar o espaço para esse jogo. É necessário apenas que não existam obstáculos no terreno que possam representar algum perigo para os alunos.

Com todos os jogadores próximos uns dos outros, um deles, na posse de uma bola qualquer, a arremessa para o alto e grita o nome de alguém do grupo, enquanto todos fogem o mais rapidamente possível. Simultaneamente, o jogador cujo nome foi anunciado, corre atrás da bola e, ao pegá-la, grita: “Alerta!”.

Nesse momento, todos os demais têm de ficar estacionados no lugar em que estavam. O jogador com a bola tenta arremessar na direção de um dos demais, tentando “queimá-lo”. Independentemente do sucesso dessa tentativa, o jogador que foi o alvo será o iniciante na próxima rodada.

Após a leitura e discussão das regras, a brincadeira poderá ser realizada no pátio da escola.



Fonte: <https://pixabay.com/pt/vectors/jogador-de-futebol-futebol-esporte-1204089/>.

Acesso em: 16 nov. 2020.

ABREU, A.R. et al. Alfabetização: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 64 p. v.3.

## ATIVIDADE 2

1. Leia, em parceria com o(a) professor(a), todo o texto.
2. Em seguida, em duplas, leiam os versos conforme a orientação do(a) professor(a).

### QUADRINHA

Plantei um abacateiro  
para comer abacate  
Mas não sei o que plantar  
para comer chocolate.

ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 64 p.v.1. Fonte: [https://cdn.pixabay.com/photo/2019/09/11/16/36/cacao-pod-4469212\\_960\\_720.jpg](https://cdn.pixabay.com/photo/2019/09/11/16/36/cacao-pod-4469212_960_720.jpg). Acesso em: 17 dez. 2020.



## ATIVIDADE 3

1. Leia o texto em parceria com os colegas e o(a) professor(a):

### O PATO TIRA RETRATO

O pato ganhou sapato.  
Foi logo tirar retrato.  
O macaco retratista  
era mesmo um grande artista.  
Disse ao pato: “Não se mexa  
Para depois não ter queixa”.  
E o pato, duro e sem graça  
Como se fosse de massa!  
“Olhe pra cá direitinho:  
Vai sair um passarinho”.  
O passarinho saiu,  
bicho assim nunca se viu.  
Com três penas no topete  
e no rabo apenas sete.

Mário Quintana



Texto extraído do Livro **Alfabetização**: livro do aluno / Ana Rosa Abreu ... [et al.] Brasília : FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 3 v. : 64 p. n. 1. Fonte: [https://cdn.pixabay.com/photo/2017/02/01/09/57/animal-2029283\\_960\\_720.png](https://cdn.pixabay.com/photo/2017/02/01/09/57/animal-2029283_960_720.png). Acesso em 17 dez. 2020.

# Sequência Didática

## Pontuação

### Etapa 1 – Apresentação da Sequência Didática

#### ATIVIDADE 1 – CONHECENDO A SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Nesta atividade, seu(sua) professor(a) irá apresentar a Sequência Didática de Pontuação para você aprender, ainda mais, sobre o uso dos sinais de pontuação ao reescrever um conto. Para isso, você e seu(sua) professor(a) poderão conversar sobre alguns sinais que vocês conhecem: sua função, seus diferentes tipos e suas diversas possibilidades de uso.

### Etapa 2 – Leitura e análise do conto com foco na pontuação

Esta etapa apresentará a você e seus colegas o conto “Chapeuzinho Vermelho”, propondo que pensem nas pontuações utilizadas. Para isso, você fará os estudos sempre com auxílio de seu(sua) professor(a).

#### ATIVIDADE 2A – LEITURA EM VOZ ALTA DO CONTO “CHAPEUZINHO VERMELHO” PELO(A) PROFESSOR(A)

Leia em parceria com seu(sua) professor(a) e colegas o texto “Chapeuzinho Vermelho”:

#### CHAPEUZINHO VERMELHO

Irmãos Grim

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa.

Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina.

Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa, senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”.

Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho não tinha outros parentes, a não ser uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha, no interior da mata.

De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito, mas quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

Então, chamou a filha:

— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó, ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.

— Vou agora mesmo, mamãe.

— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!

— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe.

A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geleia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geleia.

Chapeuzinho Vermelho pegou o cesto e foi embora. A mata era cerrada e escura. No meio das árvores somente se ouvia o chilrear de alguns pássaros e, ao longe, o ruído dos machados dos lenhadores.

A menina ia por uma trilha quando, de repente, apareceu-lhe na frente um lobo enorme, de pelo escuro e olhos brilhantes.

Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia.

— Bom dia, linda menina — disse com voz doce.

— Bom dia — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

— Qual é seu nome?

— Chapeuzinho Vermelho.

— Um nome bem certinho para você. Mas diga-me, Chapeuzinho Vermelho, onde está indo assim tão só?

— Vou visitar minha avó, que não está muito bem de saúde.

— Muito bem! E onde mora sua avó?

— Mais além, no interior da mata.

— Explique melhor, Chapeuzinho Vermelho.

— Numa casinha com as venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar.

O lobo teve uma ideia e propôs:

— Gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chega primeiro. Eu irei por aquele atalho lá abaixo, e você poderá seguir por este.

Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta.

— Um, dois, três e já! — gritou o lobo.

Conhecendo a floresta tão bem quanto seu nariz, o lobo escolheu para ele o trajeto mais breve, e não demorou muito para alcançar a casinha da vovó.

Bateu à porta o mais delicadamente possível, com suas enormes patas.

— Quem é? — perguntou a avó.

O lobo fez uma vozinha doce, doce, para responder:

— Sou eu, sua netinha, vovó. Trago broas feitas em casa, um vidro de geleia e manteiga fresca.

A boa velhinha, que ainda estava deitada, respondeu:

— Puxe a tranca, e a porta se abrirá.

O lobo entrou, chegou ao meio do quarto com um só pulo e devorou a pobre avozinha, antes que ela pudesse gritar. Em seguida, fechou a porta. Enfiou-se embaixo das cobertas e ficou à espera de Chapeuzinho Vermelho.

A essa altura, Chapeuzinho Vermelho já tinha esquecido do lobo e da aposta sobre quem chegaria primeiro. Ia andando devagar pelo atalho, parando aqui e acolá: ora era atraída por uma árvore carregada de pitangas, ora ficava observando o voo de uma borboleta, ou ainda um ágil esquilo. Parou um pouco para colher um maço de flores do campo, encantou-se a observar uma procissão de formigas e correu atrás de uma joaninha.

Finalmente, chegou à casa da vovó e bateu de leve na porta.

— Quem está aí? — perguntou o lobo, esquecendo de disfarçar a voz.

Chapeuzinho Vermelho se espantou um pouco com a voz rouca, mas pensou que fosse porque a vovó ainda estava gripada.

— É Chapeuzinho Vermelho, sua netinha. Estou trazendo broinhas, um pote de geleia e manteiga bem fresquinha!

Mas aí o lobo se lembrou de afinar a voz cavernosa antes de responder:

— Puxe o trinco, e a porta se abrirá.

Chapeuzinho Vermelho puxou o trinco e abriu a porta. O lobo estava escondido, embaixo das cobertas, só deixando aparecer a touca que a vovó usava para dormir.

Coloque as broinhas, a geleia e a manteiga no guarda-comida, minha querida netinha, e venha aqui, até minha cama. Tenho muito frio, e você me ajudará a me aquecer um pouquinho.

Chapeuzinho Vermelho obedeceu e se enfiou embaixo das cobertas. Mas estranhou o aspecto da avó. Antes de tudo, estava muito peluda! Seria efeito da doença? E foi reparando:

— Oh, vovozinha, que braços longos você tem!

— São para abraçá-la melhor, minha querida menina!

— Oh, vovozinha, que olhos grandes você tem!

— São para enxergar também no escuro, minha menina!

— Oh, vovozinha, que orelhas compridas você tem!

— São para ouvir tudo, queridinha!

— Oh, vovozinha, que boca enorme você tem!

— É para engolir você melhor!!!

Assim dizendo, o lobo mau deu um pulo e, num movimento só, comeu a pobre Chapeuzinho Vermelho.

— Agora estou realmente satisfeito — resmungou o lobo. Estou até com vontade de tirar uma soneca, antes de retomar meu caminho.

Voltou a se enfiar embaixo das cobertas, bem quentinho. Fechou os olhos e, depois de alguns minutos, já roncava. E como roncava! Uma britadeira teria feito menos barulho.

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal!? Vou dar uma espiada.”

Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem ele viu? O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão!

O caçador ficou bem satisfeito. Há muito tempo estava procurando esse lobo, que já matara muitas ovelhas e cordeirinhos.

— Afinal você está aqui, velho malandro! Sua carreira terminou. Já vai ver!

Enfiou os cartuchos na espingarda e estava pronto para atirar, mas então lhe pareceu que a barriga do lobo estava se mexendo e pensou: “Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa ajudar!”.

Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido.

Na primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho, na segunda, uma cabecinha loura, na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.

— Obrigada, senhor caçador, agradeço muito por ter me libertado. Estava tão apertado lá dentro, e tão escuro... faça outro pequeno corte, por favor, assim poderá libertar minha avó, que o lobo comeu antes de mim.

O caçador recomeçou seu trabalho com a tesoura, e da barriga do lobo saiu também a vovó, um pouco estonteada, meio sufocada, mas viva.

— E agora? — perguntou o caçador. — Temos de castigar esse bicho como ele merece!

Chapeuzinho Vermelho foi correndo até a beira do córrego e apanhou uma grande quantidade de pedras redondas e lisas. Entregou-as ao caçador que arrumou tudo bem direitinho, dentro da barriga do lobo, antes de costurar os cortes que havia feito.

Em seguida, os três saíram da casa, se esconderam entre as árvores e aguardaram.

Mais tarde, o lobo acordou com um peso estranho no estômago. Teria sido indigesta a vovó? Pulou da cama e foi beber água no córrego, mas as pedras pesavam tanto que, quando se abaixou, ele caiu na água e ficou preso no fundo do córrego.

O caçador foi embora contente e a vovó comeu com gosto as broinhas. Chapeuzinho Vermelho prometeu a si mesma nunca mais esquecer os conselhos da mamãe: “Não pare para conversar com ninguém, e vá em frente pelo seu caminho”.

## ATIVIDADE 2B – ANÁLISE COLETIVA DE TRECHO DO CONTO “CHAPEUZINHO VERMELHO”

Leia em parceria com seu(sua) professor(a), observando os sinais de pontuação utilizados pelo autor do texto:

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa.

Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina.

Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa, senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”.

Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho não tinha outros parentes, a não ser uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha, no interior da mata.

De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito, mas quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

Então, chamou a filha:

— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó, ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.

— Vou agora mesmo, mamãe.

— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!

— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe.

A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geleia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geleia.

ABREU, A.R. et al. Alfabetização: livro do aluno v.2: contos, fábula, lendas e mitos. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 128 p. n.2.

## ATIVIDADE 2C – ANÁLISE EM DUPLAS DE TRECHO DO CONTO “CHAPEUZINHO VERMELHO”

Agora é hora de colocar em prática o que você aprendeu. Junto com seu colega, analisem o trecho do conto “Chapeuzinho Vermelho” e tentem descobrir o porquê de cada sinal de pontuação:

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal!? Vou dar uma espiada.”

Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem ele viu? O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão!

O caçador ficou bem satisfeito. Há muito tempo estava procurando esse lobo, que já matara muitas ovelhas e cordeirinhos.

— Afinal você está aqui, velho malandro! Sua carreira terminou. Já vai ver!

Enfiou os cartuchos na espingarda e estava pronto para atirar, mas então lhe pareceu que a barriga do lobo estava se mexendo e pensou: “Aposto que este danado comeu a vovó, sem nem ter o trabalho de mastigá-la! Se foi isso, talvez eu ainda possa ajudar!”.

Guardou a espingarda, pegou a tesoura e, bem devagar, bem de leve, começou a cortar a barriga do lobo ainda adormecido.

Na primeira tesourada, apareceu um pedaço de pano vermelho, na segunda, uma cabecinha loura, na terceira, Chapeuzinho Vermelho pulou fora.

— Obrigada, senhor caçador, agradeço muito por ter me libertado. Estava tão apertado lá dentro, e tão escuro... faça outro pequeno corte, por favor, assim poderá libertar minha avó, que o lobo comeu antes de mim.

O caçador recomeçou seu trabalho com a tesoura, e da barriga do lobo saiu também a vovó, um pouco estonteada, meio sufocada, mas viva.

— E agora? — perguntou o caçador. — Temos de castigar esse bicho como ele merece!

ABREU, A.R. et al. Alfabetização: livro do aluno v.2: contos, fábula, lendas e mitos. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 128 p. n.2.



## ATIVIDADE 2D – ELABORAÇÃO DO QUADRO SÍNTESE SOBRE O USO DOS SINAIS DE PONTUAÇÃO

Agora é hora de preencher o quadro com os sinais de pontuação encontrados no texto da “Chapeuzinho Vermelho”. Junto com seu colega, preencham o quadro com os sinais de pontuação encontrados e a função de cada um no texto:

Sinais de Pontuação encontrados	Função do sinal de pontuação no trecho analisado

## Etapa 3 – Transcrição do trecho do conto

Nesta etapa, vocês trabalharão atividades com a transcrição de alguns trechos, com auxílio do(a) seu(sua) professor(a), para realizar a pontuação do texto de acordo com os recursos utilizados pelos autores. Os trechos selecionados possibilitarão explorar o uso de: ponto-final, ponto de interrogação, vírgula, dois-pontos, travessão, aspas e letra maiúscula ao iniciar o parágrafo, entre outros.

### ATIVIDADE 3A – TRANSCRIÇÃO DO TRECHO DO CONTO “CHAPEUZINHO VERMELHO”, UTILIZANDO OS SINAIS DE PONTUAÇÃO – ATIVIDADE COLETIVA

Para dar sentido ao texto, agora é hora de vocês pontuarem coletivamente o trecho do conto “Chapeuzinho Vermelho”. O(A) seu(sua) professor(a) ajudará nessa tarefa.

Olhando para aquela linda menina o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa queria mesmo devorá-la num bocado só mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima por isso decidiu usar de astúcia bom dia linda menina disse com voz doce bom dia respondeu Chapeuzinho Vermelho qual é seu nome Chapeuzinho Vermelho um nome bem certinho para você mas diga-me Chapeuzinho Vermelho onde está indo assim tão só vou visitar minha avó que não está muito bem de saúde muito bem e onde mora sua avó mais além no interior da mata explique melhor Chapeuzinho Vermelho numa casinha com as venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar o lobo teve uma ideia e propôs gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chega primeiro eu irei por aquele atalho lá abaixo e você poderá seguir por este Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta um dois três e já gritou o lobo

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### ATIVIDADE 3B – TRANSCRIÇÃO DO TRECHO DO CONTO INSERINDO OS SINAIS DE PONTUAÇÃO – ATIVIDADE EM DUPLA

Agora, para mostrar tudo que aprenderam, em duplas, vocês deverão inserir os sinais de pontuação e transcrever o trecho do texto “Chapeuzinho Vermelho” que se encontra a seguir.

Chapeuzinho Vermelho obedeceu e se enfiou embaixo das cobertas mas estranhou o aspecto da avó antes de tudo estava muito peluda seria efeito da doença e foi reparando oh vovozinha que braços longos você tem são para abraçá-la melhor minha querida menina oh vovozinha que olhos grandes você tem são para enxergar também no escuro minha menina oh vovozinha que orelhas compridas você tem são para ouvir tudo queridinha oh vovozinha que boca enorme você tem é para engolir você melhor assim dizendo o lobo mau deu um pulo e num movimento só comeu a pobre Chapeuzinho Vermelho

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### ATIVIDADE 3C – REVISÃO COLETIVA DE UM TRECHO DO CONTO TRANSCRITO PELOS ESTUDANTES

Nesta atividade, você e seus colegas, junto com seu(sua) professor(a), refletirão coletivamente sobre os sinais utilizados pela dupla de estudantes, apontando se estão favorecendo a compreensão do texto e sua organização. Deverão ainda propor mudanças que julgarem necessárias, justificando suas escolhas quanto aos sinais que escolheram para organizar melhor o texto.

## Etapa 4 – Reescrita de final de conto

Nesta etapa, vocês irão reescrever o conto “Chapeuzinho Vermelho” como se fossem os escritores, cuidando da linguagem em que se escreve e, ainda, do conteúdo temático do trecho que será reescrito.

### ATIVIDADE 4A – REESCRITA DO TRECHO FINAL DO CONTO “CHAPEUZINHO VERMELHO”

1. Em dupla, reescrevam o trecho do texto a partir do episódio abaixo. Não se esqueçam de garantir a pontuação:

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal!? Vou dar uma espiada.”

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **ATIVIDADE 4B – REVISÃO COLETIVA DO TRECHO DE UM TEXTO REESCRITO PELAS DUPLAS**

Nesta atividade você, em colaboração com seus colegas e professor(a), tratarão da revisão dos textos produzidos nas duplas. Para isso, vocês conversarão sobre o uso da pontuação, observando problemas que podem causar possíveis dificuldades de entendimento do texto.

### **ATIVIDADE 4C – REVISÃO EM DUPLAS**

A revisão dos sinais de pontuação, nesta atividade, será realizada por você e seu(sua) colega. Será preciso que vocês reorganizem o texto, propondo as mudanças que se fizerem necessárias.

## Projeto Didático

# Contos e encantos

### Etapa 1 – Apresentação do projeto didático

#### ATIVIDADE 1 – CONHECENDO O PROJETO DIDÁTICO

Nesta atividade, em uma roda de conversa, vocês conhecerão o Projeto Didático “Contos e Encantos”, como será desenvolvido e também os contos que serão lidos, algumas de suas informações e dados da história.

### Etapa 2 – Leitura colaborativa com análise dos recursos linguísticos

Nesta etapa, você e seus colegas, com auxílio de seu(sua) professor(a), irão realizar algumas leituras colaborativas para analisarem alguns recursos linguísticos.

#### ATIVIDADE 2A – LEITURA EM VOZ ALTA PELO(A) PROFESSOR(A) DO CONTO – “A BRUXA E O CALDEIRÃO”

Na atividade 2A, vocês ouvirão a leitura a ser realizada pelo(a) professor(a), para conhecerem um pouco o autor que escreveu a história, comentando-a e indicando partes de que tenham gostado.

#### ATIVIDADE 2B – LEITURA COLABORATIVA E ANÁLISE DOS RECURSOS LINGUÍSTICOS UTILIZADOS PELO AUTOR NO CONTO “A BRUXA E O CALDEIRÃO”

Leia o texto “A Bruxa e o Caldeirão” em parceria com o(a) seu(sua) professor(a) e colegas da turma e acompanhe as orientações para a análise dos recursos linguísticos.

## A BRUXA E O CALDEIRÃO

José Leon Machado

Quando preparava uma sopa com uns olhinhos de couve para o jantar, a bruxa constatou que o caldeirão estava furado. Não era muito, não senhor. Um furo pequeníssimo, quase invisível. Mas era o suficiente para pinga que pinga, ir vertendo os líquidos e ir apagando o fogo. Nunca tal lhe tinha sucedido.

Foi consultar o livro de feitiços, adquirido no tempo em que andara a tirar o curso superior de bruxaria por correspondência, folheou-o de ponta a ponta, confirmou no índice e nada encontrou sobre a forma de resolver o caso. Que havia de fazer? Uma bruxa sem caldeirão era como padeiro sem forno. De que forma poderia ela agora preparar as horríveis poções?

Para as coisas mais corriqueiras tinha a reserva dos frascos. Mas se lhe aparecia um daqueles casos em que era necessário preparar na hora uma mistela? Como o da filha de um aldeão que engolira uma nuvem e foi preciso fazer um vomitório especial com trovisco, rosmaninho, três dentes de alho, uma semente de abóbora seca, uma asa de morcego e cinco aparas de unhas de gato.

Se a moça vomitou a nuvem? Pois não haveria de vomitar? Com a potência do remédio, além da nuvem, vomitou uma grande chuvada de granizo que furou os telhados das casas em redor.

Era muito aborrecido aquele furo no caldeirão. Nem a sopa do dia a dia podia cozinhar. Mantinha-se a pão e água, que remédio, enquanto não encontrasse uma forma de resolver o caso.

Matutou dias seguidos no assunto e começou a desconfiar se o mercador que lhe vendera o caldeirão na feira há muitos anos atrás não a teria enganado com material de segunda categoria. A ela, bruxa inexperiente a dar os primeiros passos nas artes mágicas, podia facilmente ter-lhe dado um caldeirão com defeito.



Fonte: <https://pixabay.com/pt/vectors/search/bruxa/> Acesso em: 29 out. 2019.

MACHADO, J.L. A bruxa e o caldeirão. Edições Vercial, out. 2003. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pv00001a.pdf>. Acesso em: 23 out. 2020.

### ATIVIDADE 2B – LEITURA COLABORATIVA E ANÁLISE DOS RECURSOS LINGÜÍSTICOS UTILIZADOS PELO AUTOR NO CONTO “A BRUXA E O CALDEIRÃO” – CONTINUAÇÃO

Decidiu então ir à próxima feira e levar o caldeirão ao mercador. Procurando na seção das vendas de apetrechos de cozinha, a bruxa verificou que o mercador já não era o mesmo. Era neto do outro e, claro, não se lembrava – nem podia – das tropelias comerciais do seu falecido avô. Ficou desapontada. Perguntou-lhe, todavia, o que podia fazer com o caldeirão furado. O mercador mirou-o, sopesou-o com ambas as mãos e disse:

— Este está bom é para você pôr no pé da porta **a fazer de vaso**. Com uns pés de sardinheiras ficava bem bonito.

A bruxa irritou-se com a sugestão e, **não fosse a gente toda ali na feira a comprar e a vender, transformava-o em onagro**. Acabou por dizer:

— A solução parece boa, sim senhor. Mas diga-me cá: **se ponho o caldeirão a fazer de vaso, onde cozinho eu depois?**

— Neste novo que **aqui tenho** com um preço muito em conta...

A bruxa olhou para o caldeirão que o mercador **lhe** apontava, **sobressaindo num monte de muitos outros, de um brilhante avermelhado, mesmo a pedir que o levassem**. A bruxa, que tinha os seus **brios de mulher, ficou encantada**.

O mercador aproveitou a ocasião para tecer os maiores elogios **ao artigo**, gabando a dureza e a grossura do cobre, os rendilhados da barriga, o feito da asa em meia lua, a capacidade e o peso, tão leve como um bom caldeirão podia ser, fácil de carregar para qualquer lado.

— Pois bem, levo-o.

O mercador esfregou as mãos de contente.

— Mas aviso-o – acrescentou a bruxa. – Se **lhe** acontecer o mesmo que ao outro, pode ter certeza de que o transformarei em sapo.

O mercador riu-se do disparate enquanto embrulhava o artigo.

Os anos foram passando e a bruxa continuou no seu labor. Até que um dia deu por um furo no novo e agora velho caldeirão. Rogou uma praga tamanha que o neto do segundo mercador que **lho vendera**, a essa hora, em vez de estar a comer o caldo na mesa com a família, estava num charco a apanhar moscas.

MACHADO, J.L. **A bruxa e o caldeirão**. Edições Vercial, out. 2003. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pv00001a.pdf>. Acesso em: 23 out. 2020.

## ATIVIDADE 2C – LEITURA EM VOZ ALTA DO CONTO – “JOÃOZINHO-SEM-MEDO”, DE ÍTALO CALVINO

Leia juntamente com seu(sua) professor(a) o texto “Joãozinho-sem-medo”:

### JOÃOZINHO-SEM-MEDO

Era uma vez um menino chamado Joãozinho-sem-medo, pois não tinha medo de nada. Andando pelo mundo, pediu abrigo em uma hospedaria.

— Aqui não tem lugar — disse o dono. — Mas, se você não tem medo, posso mandá-lo para um palácio.

— Por que eu sentiria medo?

— Porque ali todo mundo sente. Ninguém saiu de lá, a não ser morto. De manhã, a Companhia leva o caixão para carregar quem teve a coragem de passar a noite lá.

Imaginem Joãozinho! Levou um candeeiro, uma garrafa, uma linguixa, e lá se foi.

À meia-noite, estava comendo sentado à mesa, quando ouviu uma voz saindo da chaminé:

— Jogo?



E Joãozinho respondeu:

— Jogue logo!

Da chaminé desceu uma perna de homem. Joãozinho bebeu um copo de vinho.

Depois a voz tornou a perguntar:

— Jogo?

E Joãozinho:

— Jogue logo!

E desceu outra perna de homem. Joãozinho mordeu a língua. De novo:

— Jogo?

— Jogue logo!

E desceu um braço. Joãozinho começou a assobiar.

— Jogo?

— Jogue logo!

Outro braço.

— Jogo?

— Jogue!

E caiu um corpo, que se colou nas pernas e nos braços, ficando em pé um homem sem cabeça.

— Jogo?

— Jogue!

Caiu a cabeça e pulou em cima do corpo. Era um homenzarrão gigantesco, e Joãozinho levantou o copo dizendo:

— À saúde!

O homenzarrão disse:

— Pegue o candeeiro e venha.

Joãozinho pegou o candeeiro, mas não se mexeu.

— Passe na frente! — disse Joãozinho.

— Você! — disse o homem.

— Você. — disse Joãozinho.

Então, o homem se adiantou e, de sala em sala, atravessou o palácio, com Joãozinho atrás, iluminando o caminho. Embaixo de uma escadaria havia uma portinhola.

— Abra! — disse o homem a Joãozinho.

E Joãozinho:

— Abra você!

E o homem abriu com um empurrão. Havia uma escada em caracol.

— Desça — disse o homem.

— Primeiro você — disse Joãozinho.

Desceram a um subterrâneo e o homem indicou uma laje no chão.

— Levante!

— Levante você! — disse Joãozinho.

E o homem a ergueu como se fosse uma pedrinha. Embaixo da laje havia três tigelas cheias de moedas de ouro.

— Leve para cima! — disse o homem.

— Leve para cima você! — disse Joãozinho.

E o homem levou uma de cada vez para cima. Quando foram de novo para a sala da chaminé, o homem disse:

— Joãozinho, quebrou-se o encanto!

E arrancou-se uma perna, que saiu esperneando pela chaminé.

— Destas tigelas, uma é sua.

Arrancou-se um braço, que trepou pela chaminé.

— Outra é para a Companhia, que virá buscá-lo pensando que está morto.

Arrancou-se também o outro braço, que acompanhou o primeiro.

— A terceira é para o primeiro pobre que passar.

Arrancou-se outra perna e ele ficou sentado no chão.

— Pode ficar com o palácio também.

Arrancou-se o corpo e ficou só a cabeça no chão.

— Porque se perdeu para sempre a estirpe dos proprietários deste palácio.

E a cabeça se ergueu e subiu pelo buraco da chaminé.

Assim que o céu clareou, ouviu-se um canto:

— Miserere mei, miserere mei.

Era a Companhia com o caixão, que vinha recolher Joãozinho morto. E o viram na janela, fumando cachimbo.

Joãozinho-sem-medo ficou rico com aquelas moedas de ouro e morou feliz no palácio. Até um dia em que, ao se virar, viu sua sombra e levou um susto tão grande que morreu.

ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 128 p. v.2

## ATIVIDADE 2D – LEITURA COLABORATIVA E ANÁLISE DE TRECHO DO TEXTO “JOÃOZINHO-SEM-MEDO”

Em duplas, analisem o trecho do texto a seguir e realizem as tarefas:

1. Identifiquem de quem são as falas GRIFADAS e anotem como descobriram isso.
2. Discutam e anotem as palavras ou pistas que indicam quem fala.

E o homem levou uma de cada vez para cima. Quando foram de novo para a sala da chaminé, o homem disse:

— Joãozinho, quebrou-se o encanto!

E arrancou-se uma perna, que saiu esperneando pela chaminé.

— Destas tigelas, uma é sua.

Arrancou-se um braço, que trepou pela chaminé.

— Outra é para a Companhia, que virá buscá-lo pensando que está morto.

Arrancou-se também o outro braço, que acompanhou o primeiro.

— A terceira é para o primeiro pobre que passar.

Arrancou-se outra perna e ele ficou sentado no chão.

— Pode ficar com o palácio também.

Arrancou-se o corpo e ficou só a cabeça no chão.

— Porque se perdeu para sempre a estirpe dos proprietários deste palácio.

E a cabeça se ergueu e subiu pelo buraco da chaminé.

Assim que o céu clareou, ouviu-se um canto:

— Miserere mei, miserere mei.

Era a Companhia com o caixão, que vinha recolher Joãozinho morto. E o viram na janela, fumando cachimbo.

Joãozinho-sem-medo ficou rico com aquelas moedas de ouro e morou feliz no palácio. Até um dia em que, ao se virar, viu sua sombra e levou um susto tão grande que morreu.

## ATIVIDADE 2E – LEITURA EM VOZ ALTA DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”

### ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES

Versão de Suely M. Brazão

Numa distante cidade do Oriente, vivia um homem bom e justo, chamado Ali Babá.

Ali Babá era muito pobre. Morava numa tenda, entre um vasto deserto e um grande oásis.

Para sustentar a mulher, Samira, e os quatro filhos, Ali Babá oferecia seus serviços às caravanas de mercadores que passavam por ali. Estava sempre pronto para cuidar dos camelos, lavá-los, escová-los e dar-lhes água e alimento.

Os ricos comerciantes já conheciam Ali Babá e gostavam muito de seu serviço. Ele sempre cobrava o preço justo pelo trabalho, porém, muitas vezes, os mercadores davam-lhe mais, pois sabiam que ele vivia em dificuldades.

— Aqui estão dez moedas de prata para você, Ali Babá. E obrigado por ter cuidado tão bem dos meus camelos.

— Mas, senhor, são só cinco moedas que costumo cobrar — respondia honestamente Ali Babá.

— Sim, eu sei, meu bom homem. Mas quero gratificá-lo.

— Obrigado, patrão, agradeço em nome dos meus filhos.

Samira, em casa, também trabalhava muito. Além de cuidar dos filhos e das tarefas do lar, remendava a tenda, que já era velha, e cuidava de uma horta, plantando tudo que podia, preocupada em economizar.

— Veja, Samira! Veja, minha mulher! Hoje os homens da caravana foram generosos. Deram-me dez moedas!

— Graças a Alá! Agora poderemos comprar uma túnica nova para Ben e outra para Ornar. Eles têm passado frio.

— Sim, Samira, amanhã mesmo vou fazer isso. A caravana vai embora ainda hoje, e até o mês que vem não terei mais trabalho...

Era difícil a vida de Ali Babá! As caravanas não eram constantes, e havia épocas em que, devido às tempestades de areia no deserto, os mercadores levavam dois ou três meses para passar por ali.

Para que sua mulher e seus filhos não passassem necessidades, Ali Babá procurava fazer outros trabalhos. Com eles garantia, pelo menos, a compra de leite, pão, azeite e alguma carne.

Assim, quando não havia caravanas, Ali Babá entrava numa floresta que fazia parte do oásis, entre o deserto e a cidade. Lá ele colhia tâmaras e damascos, colocava-os em cestos e depois ia vendê-los no grande bazar da cidade.

“Que bom! Hoje consegui apanhar meio cesto de frutas. Mas já é tarde. Não consigo mais enxergar. Amanhã mando meu filho Anuar ir vendê-las na cidade e volto aqui para pegar mais. Vou ver se encho dois cestos”, pensou Ali Babá.

No dia seguinte, bem cedinho, lá se foi Ali Babá com seus cestos vazios, disposto a enchê-los de tâmaras e damascos.

Estava no alto de uma tamareira quando ouviu um rumoroso tropel de cavalos “Muito estranho, esse barulho de patas de cavalos”, refletiu. “Sempre vejo passarem camelos por aqui”. O ruído, cada vez mais forte, indicava que os cavaleiros estavam se aproximando.

Ali Babá continuava curioso. “Quem será que vem chegando? Parecem muitos... E para onde será que vão? Entrar no deserto a cavalo é impossível! Esses animais não aguentariam o calor!”.

Não demorou muito, Ali Babá avistou os cavaleiros. Eram, de fato, muitos. Do alto da tamareira, o bom homem contou exatamente quarenta.

“Puxa! Eles parecem estar com pressa... E estão bem carregados. Todos os cavalos levam arcas, cofres e sacos... Devem ser mercadores da cidade. Bem, vou tratar do meu trabalho, pois o dia passa depressa.”

Mais ou menos uma hora depois, os homens voltaram com seus cavalos ruidosos.

Ali Babá, que arrumava seus cestos, tratou de se esconder, com medo de que o vissem. Afinal, não conhecia aqueles homens, nem sabia exatamente o que faziam.

“Lá vão eles. Não são mesmo homens do deserto. Estão voltando para o lado da cidade. O mais curioso é que já descarregaram os cavalos. Onde terá ficado toda aquela bagagem?”

Os cavaleiros logo sumiram por entre a mata, pois os cavalos, agora aliviados da carga, corriam muito mais.

O dia passou. Ali Babá, contente com seus cestos de frutas, foi para casa descansar.

— Pai, consegui vender todas as tâmaras no bazar. Pena que Ben, Ornar e Hassan não foram comigo. Teríamos nos espalhado por lá, cada um com um cesto, e vendido as frutas mais depressa.

— Então, amanhã vão os quatro. Hoje eu trouxe muito mais do que ontem. Vejam se conseguem vender tudo. Enquanto forem ao bazar, irei outra vez para a floresta e pegarei mais frutas.

— Está bem, papai.

Na manhã seguinte, lá se foi novamente Ali Babá. Que calor fazia! Ele nem se lembrava mais dos homens a cavalo que vira na véspera. Tanto se esquecera, que nem comentara o fato com Samira.

Ali Babá começou logo a apanhar suas frutas. Por volta do meio-dia, já cansado, se sentou à sombra de uma palmeira, para comer o lanche.

De repente, ouviu ao longe o mesmo barulho da véspera. Apurou o ouvido e teve certeza: eram cavalos que se aproximavam. Seriam os mesmos homens do dia anterior? Se fossem, estavam passando um pouco mais tarde.

Quando Ali Babá percebeu que o tropel estava próximo, subiu rapidamente na palmeira e constatou: eram os mesmos quarenta homens. Para onde iriam? “Hoje vou atrás deles. Quero ver para onde vão. Não devem ir muito longe daqui... Estão carregados outra vez.”

Ali Babá teve sorte. Enquanto descia da palmeira para tomar a estrada e seguir o rastro dos cavalos, o chefe dos cavaleiros resolveu parar, para os animais beberem água. Quando Ali Babá chegou, os homens estavam começando a se levantar para continuar o caminho.

“Agora posso vê-los de perto”, pensou Ali Babá. “Que gente esquisita... São tão mal-encarados... E todos armados com facas e cimitarras...”

— Vamos, vamos! Chega de folga! Temos de descarregar tudo isso que roubamos hoje e voltar logo para a cidade. Amanhã é outro dia! — disse o chefe.

“Por Alá! Eles são ladrões!” concluiu Ali Babá. “Que perigo! Se me descobrirem, certamente me matarão. Estão armados até os dentes! Mas, agora que já estou aqui, vou continuar atrás deles. Quero ver para onde vão.”

Refeitos, os cavalos puseram-se a galopar, Ali Babá teve de correr muito, para não perdê-los de vista. Conseguiu chegar ao lugar em que haviam parado e viu que somente o chefe descera do cavalo.

Era uma clareira na floresta, no fundo da qual havia uma pedreira, não muito alta.

Os trinta e nove ladrões continuavam montados, dispostos em semicírculo, voltados de frente para a pedreira. O chefe, em pé, segurando as rédeas do cavalo, ficou bem no meio. Com ar solene, deu uma ordem:

— Abre-te, Sésamo!

Ali Babá não conseguia entender o que estava acontecendo. Por que os ladrões estavam ali, num lugar deserto, onde não havia nada e ninguém? Por que ficavam dispostos daquela maneira? E que significado tinha aquela frase que o chefe falara?

Ele esperou apenas alguns segundos, para obter as respostas a todas essas perguntas. Logo depois da ordem dada pelo chefe, uma grande rocha da pedreira se moveu, abrindo a entrada de uma gruta. Os quarenta ladrões entraram em fila e, atrás do último, a pedreira se fechou.

“Não acredito no que estou vendo... Agora compreendo tudo! Eles devem guardar os objetos roubados dentro dessa gruta que se abre e se fecha. Por isso, ontem, os cavalos voltaram descarregados. Vou ficar escondido atrás desta árvore. Eles terão de sair daí de dentro, pois acho que voltarão à cidade”, decidiu Ali Babá.

E esperou, esperou, esperou, até que ouviu o barulho da pedra se movendo.

“Ai vem eles!”, agitou-se Ali Babá. “Já devem estar de saída. Vou prestar atenção para ver como fazem para fechar a entrada da gruta.”

Os ladrões saíram em fila. Dessa vez, o último foi o chefe.

— Bem, já estão todos prontos? Então, vamos!

E, voltando-se para a grande pedra, falou:

— Fecha-te Sésamo!

A pedra rolou direitinho, fechando a entrada do esconderijo. Os ladrões pegaram a mesma picada e, rapidamente, com seus cavalos a galope, desapareceram entre as árvores da floresta.

Ali Babá esperou assentar a poeira levantada pelos animais e saiu de trás da árvore.

“Agora, vou entrar lá. Direi as mesmas palavras do chefe dos ladrões. Sésamo deve ser o nome dessa pedreira. Será que ela me obedecerá, ou será que só atende às ordens dele? Bem, vou experimentar. Vamos ver o que acontece!”

Colocando-se na mesma posição do ladrão, arriscou:

— Abre-te, Sésamo!

A grande pedra rolou, abrindo a entrada da gruta. Ali Babá entrou imediatamente e ficou maravilhado com o tesouro que lá havia.

“Que beleza! Quanto ouro! Quantas pedras preciosas! Quantas moedas! E pensar que há tanta gente pobre, passando necessidades, sem casa, sem roupa, sem comida. De quem será que eles roubam tanta riqueza? Deve ser das caravanas.” Ali Babá deu uma volta por dentro da gruta, que era iluminada por tochas.

Quando já estava de saída, lembrou-se de que tinha, preso na cintura, o saquinho de pano, onde trouxera uns pedaços de pão para o almoço.

“E se eu levasse algumas dessas moedas de ouro em meu saquinho? Acho que os ladrões nem perceberiam. Eles têm tanto... Mas isto seria um roubo. Eu seria um ladrão, roubando ladrões.”

Depois, pensando na vida difícil da mulher e dos filhos, encheu seu saquinho com pesadas moedas de ouro e foi embora. Na saída, repetiu as palavras mágicas:

— Fecha-te, Sésamo!

Ali Babá voltou ao lugar onde estivera colhendo frutas, pegou os cestos e foi para casa. No caminho, pensava nas moedas. Que iria fazer com elas?

Onde poderia guardá-las? Quando nada possuía, não tinha medo de ser roubado. Agora, de posse das moedas, já começava a temer os assaltantes.

“Acho que vou conversar com meu irmão Ali Mansur. Ele é rico... Saberá me dizer o que posso fazer com as moedas...”

Ali Mansur, o único irmão de Ali Babá, era um rico comerciante de tapetes. Sua loja era a maior e a melhor da cidade. Mas Ali Mansur era um homem mesquinho e ambicioso. Quanto mais tinha, mais queria. E nunca ajudava o pobre irmão, nem seus filhos.

Ali Babá chegou em casa, jantou e disse a Samira que ia visitar o irmão.

Ao ouvir a história da gruta que se abria, Ali Mansur pensou que o irmão estivesse brincando. Depois, como Ali Babá insistisse, começou a achar que ele estava com febre. Só acreditou em tudo aquilo quando o irmão lhe mostrou o saquinho com as moedas de ouro. Os olhos de Ali Mansur reluziam de cobiça, avaliando o peso de cada uma.

— Ali Babá, diga-me exatamente onde é esse lugar e o que se deve dizer para abrir e fechar a pedra. Amanhã vou até lá!

— Não, Mansur, não vá. É perigoso. Os ladrões podem aparecer a qualquer momento. Nunca mais ponho meus pés naquele lugar horrível. Já estou arrependido por ter tirado essas moedas. Dinheiro que não vem do trabalho não é honesto.

— Deixe de ser bobo, Ali Babá. Se não quiser as moedas, deixe-as comigo. Sei muito bem como e onde usá-las.

Ali Babá foi para casa. Naquela noite nem conseguiu dormir, tamanha era sua preocupação.

— Que aconteceu, Ali Babá? Por que está tão nervoso? — perguntou Samira, percebendo a apreensão do marido.

O bom homem contou tudo à mulher, inclusive a conversa que tivera com o irmão. Samira então lhe respondeu:

— Ora, meu marido, você não seria desonesto pegando um pouquinho daquela fortuna. Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão...

Na manhã seguinte, bem cedo, Ali Mansur saiu de sua rica casa, com dez mulas e vinte cestos, e tomou o caminho da pedreira. Lá chegando, ordenou que a gruta se abrisse e entrou.

“Que maravilha! Vou encher os vinte cestos com jóias, ouro, pedras e moedas. Amanhã virei buscar mais!”

Como Ali Mansur estava sozinho, demorou muito para carregar as mulas. Demorou tanto, que os ladrões chegaram e...

— Fomos descobertos! A porta de Sésamo está aberta. Saquem as espadas! — gritou o chefe dos ladrões.

E eles não perdoaram o ambicioso homem, que foi morto com vários golpes.

Os ladrões descarregaram seus cavalos mas, como já era tarde, nem retiraram os cestos dos lombos das mulas de Ali Mansur, trancando-as dentro da pedreira.

Quando anoiteceu, a cunhada de Ali Babá foi à casa dele. Estava muito preocupada com o marido, que saíra cedo e ainda não voltara.

— Amanhã vou procurá-lo, Salima, não se preocupe — disse Ali Babá, pois já sabia para onde seu irmão tinha ido.

No dia seguinte, Ali Babá nem levou seus cestos para colher tâmaras e damascos. Foi diretamente procurar o irmão em Sésamo, pois Mansur nunca jogaria fora uma oportunidade para ficar mais rico.

— Abre-te Sésamo! — ordenou Ali Babá.

Dentro da pedreira, o bom homem chorou ao encontrar o irmão morto, todo ensanguentado. Vendo as mulas carregadas de riquezas, Ali Babá logo percebeu o que havia acontecido. Arrastou o corpo do irmão para fora, enterrou-o na floresta e voltou a Sésamo para pegar as mulas e entregá-las a Salima.

Estava começando a aliviá-las dos cestos cheios de riquezas quando se lembrou das palavras de sua mulher: “Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão...”. “Sou tão pobre...”, pensou. “Nem casa tenho. Meus filhos e minha mulher não têm roupas para se agasalhar. Há dias em que não temos o que comer... Acho que Alá me perdoaria, se eu levasse apenas dois destes cestos que meu irmão encheu...”

Assim pensando, Ali Baba saiu de Sésamo com dez mulas, dezoito cestos vazios e dois cheios. À tarde, quando os ladrões voltaram à pedreira, perceberam tudo.

— Alguém mais conhece nosso segredo, companheiros! — disse o chefe. — Estiveram aqui, levaram o homem morto, as mulas e ainda pegaram algumas das nossas jóias e moedas. Pois, a partir de hoje, fiquem de olho! Quero vingança! Logo vamos notar se alguém ficou rico de uma hora para outra. É muito fácil identificar os novos ricos...

Um mês depois, Ali Babá comprou uma casa na cidade, dois belos cavalos, pôs os filhos na escola e adquiriu móveis, roupas e utensílios novos. Em sua casa não faltava mais comida e, uma vez por semana, ele distribuía pão e leite para os pobres.

Um dos ladrões, encarregado de fiscalizar a vida dos moradores daquele lado da cidade, percebeu a generosidade de Ali Babá e perguntou a um vizinho:



— De onde veio esse homem tão bom? — Ah, chama-se Ali Babá. Era um pobre coitado que cuidava dos camelos das caravanas e vendia frutas no bazar.

De repente, apareceu com moedas de ouro, colares de esmeraldas e pulseiras de rubi. Ele vendeu as joias e comprou a casa, os cavalos, as roupas, tudo! Ninguém sabe onde arranjou tanta riqueza. Acho que ganhou de algum mercador, por ser muito honesto...

O ladrão correu para seu chefe e disse:

— Achei o homem! Chama-se Ali Babá! Agora o senhor poderá se vingar.

No dia seguinte, o chefe dos ladrões se disfarçou de mercador, preparou vinte mulas, cada uma carregando dois enormes jarros de barro, e foi bater na casa de Ali Babá.

— Boa tarde, meu bom homem. Sou um mercador de azeite. Acabei de atravessar o deserto. Será que posso descansar um pouco em sua casa com minhas mulas?

— Sim, entre, por favor — disse Ali Babá — Deixe as mulas no pátio para tomarem água.

— Obrigado. Vou descarregá-las para que descansem até amanhã. Tenho de levar todo o azeite que está nestes quarenta jarros até a cidade de Bagdá, que é bem longe daqui.

— Amanhã o senhor pensará nisso. Agora, venha. Quero que tome um banho e jante com minha família, antes de dormir.

Ali Babá pediu para Samira preparar carne com azeitonas e salada com trigo para o visitante. Apresentou-lhe seus quatro filhos e ficaram conversando animadamente.

Na cozinha, Samira percebeu que não tinha mais azeite para temperar a salada.

— Anuar, venha cá! — chamou a mulher. — Vá comprar azeite.

— Mas, mãe, agora é tarde. Já está tudo fechado.

— Por Alá! E o que vou fazer? Com que vou temperar a salada para o mercador?

— Ora, mãe, ele não está carregando azeite naqueles jarros enormes? Pois é muito fácil: desça até o pátio e pegue um pouquinho.

— Bem, não há outro jeito. É o que vou fazer.

Samira desceu até ao pátio de sua casa. As mulas já estavam todas recolhidas ao estábulo. Os quarenta jarros permaneciam no meio da área, iluminados por uma grande lua cheia.

Ao chegar perto de um deles, Samira ficou estupefata. Uma voz, vinda de dentro do jarro, perguntou:

— Já está na hora de matarmos Ali Babá e sua família?

Samira não sabia o que fazer. Se se afastasse bruscamente, poderia levantar suspeitas. Chegou então perto do outro jarro, esperando nova pergunta, mas nada! Tudo ficou em silêncio. O segundo jarro estava mesmo cheio de azeite. Então, a conclusão de Samira foi rápida: ela sabia que os ladrões de Sésamo eram quarenta. Ora, em trinta e nove daqueles quarenta jarros enormes havia homens escondidos e apenas um deles continha azeite. E o visitante que estava dentro de sua casa era, sem dúvida, o chefe dos ladrões. Ele trouxera azeite num dos jarros porque, se alguém lhe pedisse, ele poderia provar que era um mercador.

Samira saiu de casa na mesma hora e foi chamar os guardas do palácio do sultão, que não ficava muito longe dali.

Depois, voltou depressa para casa, foi à cozinha e preparou um sonífero perfumado, à base de ervas do oásis.

Em seguida, desceu novamente ao pátio e despejou um pouco do sonífero em cada um dos trinta e nove jarros.

Quando terminou, viu que os guardas já haviam chegado. Mandou-os entrar e ficar aguardando do lado de fora da sala, onde Ali Babá conversava com o chefe dos ladrões.

Esperou mais alguns minutos e, ao ter certeza de que todos os ladrões dormiam profundamente dentro dos jarros, entrou na sala e disse:

— Ali Babá! Tenha cuidado! Este homem é o chefe dos ladrões de Sésamo!

— Mas... mas — balbuciou o marido, incrédulo.

— Sim, sou eu! — disse o ladrão.

E, tirando um punhal da cintura acrescentou:

— Agora, vocês vão morrer!

Nesse momento, os guardas entraram na sala, desarmaram e prenderam o homem.

Enquanto descia, já preso, o chefe dos ladrões viu todos os seus companheiros amarrados e amontoados no chão, dormindo que dava gosto.

Ali Babá e Samira foram ao palácio do sultão e contaram toda a história de Sésamo, pedindo a ele que distribuísse aquela riqueza aos pobres da cidade.

O sultão concordou com o casal, mas fez questão de dar a Ali Babá um terço de tudo que havia dentro da pedreira.

Assim, graças à bondade de Ali Babá e à inteligência de Samira, nunca mais houve pobres naquela cidade.

ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 128 p. v.2.

## ATIVIDADE 2F – LEITURA COLABORATIVA E ANÁLISE DO TRECHO DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”

Analise coletivamente o papel dos sinais de pontuação na construção dos sentidos do texto. A partir das perguntas feitas pelo(a) professor(a), preencha o quadro com as respostas.

<p>Colocando-se na mesma posição do ladrão, arriscou:</p> <p>— Abre-te, Sésamo!</p> <p>A grande pedra rolou, abrindo a entrada da gruta. Ali Babá entrou imediatamente e ficou maravilhado com o tesouro que lá havia.</p>	
<p>“Que beleza! Quanto ouro! Quantas pedras preciosas! Quantas moedas! E pensar que há tanta gente pobre, passando necessidades, sem casa, sem roupa, sem comida. De quem será que eles roubam tanta riqueza? Deve ser das caravanas.” Ali Babá deu uma volta por dentro da gruta, que era iluminada por tochas.</p>	
<p>“E se eu levasse algumas dessas moedas de ouro em meu saquinho? Acho que os ladrões nem perceberiam. Eles têm tanto... Mas isto seria um roubo. Eu seria um ladrão, roubando ladrões.”</p>	
<p>Depois, pensando na vida difícil da mulher e dos filhos, encheu seu saquinho com pesadas moedas de ouro e foi embora. Na saída, repetiu as palavras mágicas:</p> <p>— Fecha-te, Sésamo!</p>	

## ATIVIDADE 2G – LEITURA COLABORATIVA E ANÁLISE DO TRECHO DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”

Releia, em dupla com seu colega, o trecho do conto “Ali Babá e os quarenta ladrões” e depois responda às perguntas, registrando as respostas no quadro:

“Ali Babá chegou em casa, jantou e disse a Samira que ia visitar o irmão.

Ao ouvir a história da gruta que se abria, Ali Mansur pensou que o irmão estivesse brincando. Depois, como Ali Babá insistisse, começou a achar que ele estava com febre. Só acreditou em tudo aquilo quando o irmão lhe mostrou o saquinho com as moedas de ouro. Os olhos de Ali Mansur reluziam de cobiça, avaliando o peso de cada uma.

— Ali Babá, diga-me exatamente onde é esse lugar e o que se deve dizer para abrir e fechar a pedra. Amanhã vou até lá!

— Não, Mansur, não vá. É perigoso. Os ladrões podem aparecer a qualquer momento. Nunca mais ponho meus pés naquele lugar horrível. Já estou arrependido por ter tirado essas moedas. Dinheiro que não vem do trabalho não é honesto.

— Deixe de ser bobo, Ali Babá. Se não quiser as moedas, deixe-as comigo. Sei muito bem como e onde usá-las.

Ali Babá foi para casa. Naquela noite nem conseguiu dormir, tamanha era sua preocupação.

— Que aconteceu, Ali Babá? Por que está tão nervoso? — perguntou Samira, percebendo a apreensão do marido.

O bom homem contou tudo à mulher, inclusive a conversa que tivera com o irmão. Samira então lhe respondeu:

— Ora, meu marido, você não seria desonesto pegando um pouquinho daquela fortuna. Ladrão que rouba ladrão tem cem anos de perdão...

Na manhã seguinte, bem cedo, Ali Mansur saiu de sua rica casa, com dez mulas e vinte cestos, e tomou o caminho da pedreira. Lá chegando, ordenou que a gruta se abrisse e entrou.

“Que maravilha! Vou encher os vinte cestos com joias, ouro, pedras e moedas. Amanhã virei buscar mais!”

Como Ali Mansur estava sozinho, demorou muito para carregar as mulas. Demorou tanto, que os ladrões chegaram e...

— Fomos descobertos! A porta de Sésamo está aberta. Saquem as espadas! — gritou o chefe dos ladrões.

E eles não perdoaram o ambicioso homem, que foi morto com vários golpes.

Os ladrões descarregaram seus cavalos, mas, como já era tarde, nem retiraram os cestos dos lombos das mulas de Ali Mansur, trancando-as dentro da pedreira.

Quando anoiteceu, a cunhada de Ali Babá foi à casa dele. Estava muito preocupada com o marido, que saíra cedo e ainda não voltara.

— Amanhã vou procurá-lo, Salima, não se preocupe — disse Ali Babá, pois já sabia para onde seu irmão tinha ido.

No dia seguinte, Ali Babá nem levou seus cestos para colher tâmaras e damascos. Foi diretamente procurar o irmão em Sésamo, pois Mansur nunca jogaria fora uma oportunidade para ficar mais rico. [...]

ABREU, A.R. et al. **Alfabetização**: livro do aluno. Brasília: FUNDESCOLA/SEFMEC, 2000. 128 p. v.2

## ATIVIDADE 2G – LEITURA COLABORATIVA E ANÁLISE DO TRECHO DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES” – CONTINUAÇÃO

Refletindo sobre o Texto:	Registro das Reflexões
Como podemos identificar o tempo e a passagem dele no texto? Quais palavras nos dão as pistas?	
Neste trecho, em quais locais a história acontece? (Grifem de amarelo no texto.)	
Quem conta essa história? É Ali Babá? Como podemos saber?	
Quem são os personagens que aparecem no trecho lido?	
Quais episódios são contados no trecho lido?	

## Etapa 3 – Reescrita em duplas

Na etapa 3, você e seus colegas, com auxílio do(a) professor(a), terão o desafio de reescrever um trecho do conto “Ali Babá e os quarenta ladrões”, recuperando os episódios e sua sequência do texto lido, procurando ainda evitar que faltem informações e trechos no texto.

### **ATIVIDADE 3A – LEITURA DE TRECHO DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”**

A atividade 3A propõe que você e seu(sua) colega, com ajuda do(a) professor(a), compreendam os episódios, observem a sequência de acontecimentos e entendam o que leem. Vocês precisarão conhecer bem a história, pois, na próxima aula, farão o reconto do trecho.

### **ATIVIDADE 3B – RECONTO DO TRECHO LIDO DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”**

Você e seus colegas, nesta atividade, recontarão a história como se fossem escritores, resgatando parte por parte do trecho do texto lido.

### **ATIVIDADE 3C – RECUPERAÇÃO DOS EPISÓDIOS E PLANEJAMENTO DO TRECHO QUE SERÁ PRODUZIDO**

Nesta atividade, você e seus colegas, junto com seu(sua) professor(a), irão fazer uma lista dos episódios do trecho a ser reescrito. Essa lista irá auxiliá-los na reescrita do texto na próxima atividade.



### **ATIVIDADE 3E – REVISÃO COLETIVA COM FOCO NOS RECURSOS DISCURSIVOS**

Nesta atividade, você e seus colegas irão sugerir alterações no texto que será analisado, para melhorar a linguagem e torná-lo bem-escrito.

### **ATIVIDADE 3F – REVISÃO EM DUPLAS**

Nesta atividade, você e seu(sua) colega irão reler e revisar o texto que escreveram, seguindo as dicas assinaladas pelo(a) professor(a).

## **Etapa 4 – Reescrita individual**

### **ATIVIDADE 4 A – LEITURA EM VOZ ALTA DE NOVO TRECHO DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”**

Nesta atividade, seu(sua) professor(a) irá ler, em voz alta, um novo trecho do conto “Ali Babá e os quarenta ladrões”. Preste bastante atenção, pois você deverá conhecer bem esse trecho para realizar a reescrita.

### **ATIVIDADE 4 B – RECONTO DO TRECHO LIDO PELO(A) PROFESSOR(A) DO CONTO “ALI BABÁ E OS QUARENTA LADRÕES”**

Você e seus colegas, nesta atividade, recontarão a história como se fossem os escritores, resgatando parte por parte do trecho do texto lido.

### **ATIVIDADE 4 C – RECUPERAÇÃO DOS EPISÓDIOS E PLANEJAMENTO DO TRECHO QUE SERÁ PRODUZIDO**

Nesta atividade, você e seus colegas, junto com seu(sua) professor(a), irão fazer uma lista dos episódios do trecho a ser reescrito.



**ATIVIDADE 4D – REESCRITA INDIVIDUAL COM APOIO DO(A) PROFESSOR(A)**

Reescreva o trecho do conto “Ali Babá”, que seu(sua) professor(a) irá solicitar, a partir da lista dos episódios.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

### **ATIVIDADE 4E – REVISÃO COLETIVA**

Nesta atividade, você e seus colegas irão refletir coletivamente sobre algumas expressões que o autor utilizou no texto, a fim de deixá-lo mais significativo e para que os leitores possam atribuir sentido ao que leem. Para tanto, vocês deverão sugerir alterações que melhorem a linguagem, para que os leitores possam compreendê-lo e apreciá-lo.

### **ATIVIDADE 4F – REVISÃO INDIVIDUAL COM APOIO DO(A) PROFESSOR(A)**

Seu(sua) professor(a), nesta atividade, apresentará a você um pequeno bilhete sugerindo algumas alterações a serem feitas em seus textos. Essas alterações terão foco nas questões relacionadas à linguagem em que se escreve e à organização dos episódios e fatos do texto, para garantir sua compreensão.

## **Etapa 5 – Finalização e avaliação**

É chegado o momento de finalização do projeto. Até aqui, você e seus colegas aprenderam como escrever um texto de modo que fique compreensível ao leitor. Você e seus colegas irão organizar, nesta etapa, um mural contendo suas produções, para que toda a escola possa apreciá-las.

### **ATIVIDADE 5A – PRODUÇÃO DO MURAL**

Na atividade 5A, você e seus colegas organizarão, em pequenos grupos, um mural com as suas produções finais, para que os demais estudantes da escola possam apreciá-los.

### **ATIVIDADE 5B – AVALIAÇÃO DO PERCURSO RODA DE CONVERSA**

Nesta atividade, vocês e seu(sua) professor(a) conversarão a respeito do projeto didático “Contos e Encantos”, sobre o que aprenderam no decorrer das semanas trabalhadas e quais etapas de que mais gostaram.